



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS**

Gabriela Alves Sousa Lopes

**ASPECTOS DO COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO EM “NÓS MATAMOS  
O CÃO TINHOSO” E “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”:** Lei 11.645/08 e  
literaturas de matrizes africanas

**GUARABIRA/PB  
2018**

**GABRIELA ALVES SOUSA LOPES**

**ASPECTOS DO COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO EM “NÓS MATAMOS O CÃO TINHOSO” E “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”:** Lei 11.645/08 e literaturas de matrizes africanas

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Curso de Graduação em Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Inglês.

Área de Concentração: Literatura  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA/PB  
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L864a Lopes, Gabriela Alves Sousa.  
Aspectos do colonialismo e anticolonialismo em "Nós matamos o cão tihoso" e "Nós choramos pelo cão tihoso" [manuscrito] : Lei 11.645/08 e literaturas de matrizes africanas / Gabriela Alves Sousa Lopes. - 2018.  
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. COLONIALISMO. 2. ANTICOLONIALISMO. 3.  
LITERATURAS AFRICANAS.

21. ed. CDD 801.95

**GABRIELA ALVES SOUSA LOPES**

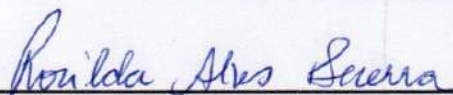
**ASPECTOS DO COLONIALISMO E ANTI-COLONIALISMO EM "NÓS MATAMOS O CÃO TINHOSO" E "NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO": Lei 11.645/08 e literaturas de matrizes africanas**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentada ao Curso de Graduação em Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Inglês.

Área de Concentração: Literatura  
Orientadora: Profª Drª Rosilda Alves Bezerra

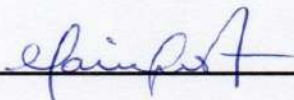
Aprovada em: 15 / 06 /2018.

**BANCA EXAMINADORA**



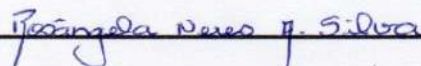
---

Profª Drª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profª Drª Maria Suely da Costa (1ª Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profª Drª Rosângela Neres Araújo da Silva (2ª Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

À Deus, Por seu amor e cuidado. Por ter me guiado até aqui.

À minha mãe Jane e ao meu pai Ailton, por acreditarem no meu potencial e por seu amor incondicional.

À minha tia Rô e ao tio Carlos, pelo apoio sem o qual, nada disso seria possível.

Ao meu irmão Jônatas por seu carinho, por seu companheirismo, e o dom de me fazer sorrir até nos momentos mais difíceis.

Aos meus avós José e Joana, pelo apoio emocional e por todo o amor.

À toda minha família, por seu apoio e carinho.

À minha amiga Fernanda, por seus conselhos e constante preocupação com a minha sanidade.

Aos meus colegas de curso, pela amizade que tornou esses 4 anos tão agradáveis.

Aos professores que contribuíram para a minha formação.

A Suely Costa, por sua inesgotável paciência e as orientações na primeira fase de minha iniciação científica da pesquisa no PIBIC.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosilda Bezerra, por me incentivar a sempre exigir mais de mim. Agradeço profundamente pelo cuidado no texto, as repetidas leituras e feitura do texto, às vezes do retorno considerado exagerado, mas que necessitava sempre do retorno para que ficasse o mais próximo possível de uma interpretação que respeitasse as particularidades das Literaturas Africanas.

## RESUMO

A presente monografia foi concebida a partir do projeto do PIBIC desenvolvido entre os anos de 2015 e 2018, na qual foram trabalhados textos de literaturas africanas de língua portuguesa no contexto escolar sob a lei 11.645/08. O principal objetivo deste trabalho é fazer uma análise sobre os aspectos do colonialismo e anticolonialismo nos países africanos através dos Contos: “Nós Matamos o Cão Tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, tendo como foco Moçambique no período colonial; e “Nós choramos pelo Cão Tinhoso”, de Ondjaki, representando Angola, período pós colonial. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, envolvendo a leitura dos respectivos contos de Honwana (1984) e Ondjaki (2007) e de textos para embasamento teórico de autores como Leite (2012), Cabaço (2009), Memmi (2007) Laranjeira (1995), Mata (2001), entre outros. Por fim, fazer uma reflexão a respeito do regime colonial, o preconceito racial, opressão e a exploração sofridos pelos povos africanos e o uso da literatura como forma de expressão e libertação.

Palavras-chave: Colonialismo, Anticolonialismo, Literaturas Africanas.

### ABSTRACT

The present monograph, was based on a PIBIC Project developed between the years of 2015 and 2018, in this Project were worked African Literature written in portuguese on the school grid, based on the law 11.645/08 of the Brazilian constitution. The main objective of this work is to analyse the process of colonization on the African countries, seen through the chronicles: " Nós matamos o Cão Tinhoso" by Luiz Bernardo Howana, focusing on Mozambique during the colonial period, and "Nós choramos pelo Cão Tinhoso" by Ondjaki focusing on Angola in the post colonial period. Therefore, a bibliographic resarch was carried out, involving the Reading of Honwana (1984) and Ondjaki (2007) chronicles, and also, the Reading of the theoretical Foundation texts by Leite (2012), Cabaço (2009), Memmi (2007), Laranjeira (1995), Mata (2001) and others. Lastly, it is intended to reflect about the colonial period, racial prejudice, the oppression and explotation of African people, and literature as a form of expression and liberation.

Keywords: Colonial Period, Post Colonial period, African Literature.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 ASPECTOS DO COLONIALISMO E ANTI-COLONIALISMO EM “NÓS MATAMOS O CÃO TINHOSO” E “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”: Lei 11.645/08 e literaturas de matrizes africanas.....</b>	<b>12</b>
2.1 Luiz Bernardo Honwana em “Nós matamos o cão tihoso” e o universo colonial em Moçambique.....	14
2.2 Ondjaki em “Nós choramos pelo cão tihoso”: aspectos anticoloniais ou as subjetividades dos sujeitos.....	25
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia é fruto de um dos aspectos da pesquisa do PIBIC, referente à aplicabilidade da Lei 11.645/08, ou seja, textos literários africanos e afro-brasileiros no contexto escolar. A referida pesquisa no PIBIC foi realizada durante os anos 2015-2016, 2016-2017 e 2017-2018, e nesse sentido investigou-se no primeiro ano sobre a produção de cordéis voltados para a temática de relações étnico-raciais, efetivamente nos aspectos positivos relacionados ao povo negro, da autora cearense, Jarrid Arraes. Nos anos seguintes da pesquisa, nas cotas de 2017 e 2018, tornou-se possível trabalhar diretamente os textos da literatura africana de Língua Portuguesa, iniciado pelo contexto de Angola, e depois as produções dos autores contemporâneos de Moçambique.

A participação na Iniciação Científica (PIBIC) tornou-se imprescindível para o desenvolvimento do trabalho de final de curso, pois tive a oportunidade de ingressar no universo da pesquisa que possibilitou criar mecanismos de aprendizagem para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Pelo fato de ter ocorrido uma compreensão em torno dos textos de Literatura angolana e moçambicana, investiu-se na leitura investigativa dos textos de autores que produziram no período colonial (Honwana), e no decorrer da pesquisa fez-se a opção de agregar autores cujas produções se inseriam no contexto pós-colonial ou anticolonial, principalmente em Angola (Ondjaki).

Nesse contexto, a investigação empregada para esse trabalho foi a de escolher duas narrativas que representassem aspectos anteriormente destacados. O primeiro autor moçambicano, Luís Bernardo Honwana, foi escolhido com o conto: *Nós matamos o cão tinhoso*; o segundo conto, do autor angolano, Ondjaki, *Nós choramos pelo cão tinhoso*. O objetivo principal deteve-se em averiguar de que forma os aspectos coloniais e anticoloniais estavam presentes nos dois textos, sendo que o de Honwana (1984), estava escrito no período colonial, e o de Ondjaki (2000), no período pós-colonial, ou como pretende-se atestar, no anticolonialismo.

Apesar de alguns textos analíticos terem sido escritos em torno desses dois contos, pouco se revela as intenções de saber o que está recôndito nas entrelinhas ao se afirmar determinadas indagações no processo de colonização portuguesa nos dois países, Moçambique e Angola. Os dois contos tanto permitem auxiliar na

identificação dos traços políticos desse período, como ampliar o conhecimento unindo história e literatura.

Para a realização da pesquisa optou-se por uma leitura de cunho socialista, no entanto, a pesquisa bibliográfica deste trabalho apresenta e exemplifica a aplicação de metodologia que apoia a seleção e a priorização de um conjunto de conteúdos bibliográficos que represente o estado da arte a respeito dos países envolvidos (Moçambique e Angola) e de suas respectivas produções literárias, com maior concentração nos contos dos autores Honwana e Ondjaki.

No caso de Moçambique, os estudos de José Luís Cabaço (2009), *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*, como um dos historiadores para o desenvolvimento histórico da pesquisa. No que se refere à Moçambique colonial e Pós-Colonial, a pesquisa de Ana Mafalda Leite (2012), *Oralidade e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Ainda no contexto histórico, para melhor compreensão dos dois países, utilizou-se *A África em sala de aula: visita à história contemporânea*, de Leila Leite Hernandez (2005), que traz os principais elementos abordados em contexto escolar dos países africanos e, dessa forma, conduziu-se com a relação implementada em torno da aplicabilidade da Lei 11.645/08. Na área da literatura africana, e do tema sobre colonialismo e pós-colonialismo, utilizado como apoio discursivo o de Inocência Mata (2001), *O texto colonial: uma questão estético-ideológica*. O apoio teórico também contou com o manual de Pires Laranjeira (1995), *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, e a leitura do texto de Luís Bernardo Honwana produzida por Conceição Evaristo, no qual foram observadas outras caracterizações que puderam apoiar na compreensão dos referidos contos. No decorrer da realização da referida pesquisa pretendeu-se promover uma reflexão sobre o percurso das literaturas africanas, especificamente de Moçambique e Angola, que se constituíram antes e pós a independência.

A presente monografia está dividida em três partes, sendo a primeira a contar com o direcionamento da pesquisa, e a segunda parte relacionada aos aspectos do colonialismo e anticolonialismo nos textos selecionados: Lei 11.645/08 e literaturas de matrizes africanas, que produz uma leitura sobre o conto moçambicano e a inserção da lei federal, e de que forma a leitura pode ser introduzida em sala de aula. Ainda na segunda parte será realizada a interpretação do conto de Luís Bernardo Honwana, e o universo colonial em Moçambique. No tópico seguinte desse capítulo, realizou-se a leitura do conto de Ondjaki, com

observação e destaque para os aspectos anticoloniais com o objetivo de compreender as subjetividades dos sujeitos, ou seja, a partir das reações de cada criança no contexto da leitura do texto. Na última parte, foram destacadas nas considerações finais as reflexões em relação entre os dois contos, e de que forma o que ocorreu nos contos refletiu uma realidade que pôde ser vista em dois momentos: o colonialismo presente no conto de Luís Bernardo Honwana, e o anticolonialismo, mostrando as subjetividades dos sujeitos envolvidos na narrativa de Ondjaki.

## **2 ASPECTOS DO COLONIALISMO E ANTICOLONIALISMO EM “NÓS MATAMOS O CÃO TINHOSO” E “NÓS CHORAMOS PELO CÃO TINHOSO”:** Lei 11.645/08 e literaturas de matrizes africanas

A referida monografia trata-se da Lei 11.645/08 e de sua implementação em sala de aula. O fato de ser utilizado nesse artigo a referida lei é pelo fato dessa substituir as antigas leis 9.394/1996 e 10.639/05, dessa forma esta última Lei a ser atualizada traz o acréscimo da inserção dos conteúdos indígenas no contexto escolar, uma vez que a existência de lacunas entre as leis estabelecidas necessitava acrescentar contribuições do povo indígena e do africano. Nesse sentido, as leis 10.639/05 acrescentou a cultura africana, e a 11.645/08, os estudos relacionados às culturas indígenas. O problema percebido por vários pesquisadores é que sempre o conteúdo destacado nos livros didáticos buscava priorizar as questões relacionadas ao tradicional olhar exótico sobre africanos e indígenas. Neste trabalho será trabalhada apenas a temática da cultura africana.

Apesar de vários anos após a implementação das referidas leis, pouco se mudou nas escolas públicas e particulares do Brasil. Ainda é constante o número de professores que se negam a introduzir assuntos voltados para a educação africana ou indígena. Uma das maiores desculpas é que pouco sabem sobre o assunto, ou que não tem material na escola que possa auxiliá-los nesta educação. Entretanto, é pouco provável que tais justificativas sejam recebidas com total silêncio, pois sabe-se que houve um forte investimento nas escolas concernentes o material que dialogava sobre a revisão das relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

Infelizmente, no Brasil teve que ser implementada uma lei para que se pudesse discutir tais questões e, com isso, tentar compreender um pouco sobre a importância cultural dos povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Houve séculos de exclusão social, e o mérito que os povos negros e indígenas poderiam ter explica uma série de práticas racistas que se perpetuaram no país, e que de modo desumano ainda ocorre com frequência.

A literatura é um meio pelo qual abre a possibilidade de se conhecer melhor uma cultura, um povo, um país, e a partir do momento em que o universo escolar passa a tratar cientificamente da história, não somente do Brasil, mas de um Continente Africano, que muitos ainda atribuem como se fosse um país, suas

respectivas matrizes étnico-culturais vão sendo reconhecidas, nesse caso, considerando a leitura de contos de dois países africanos de Língua Portuguesa, Angola e Moçambique (CHAVES, 2005).

Nesse contexto, o saber relacionado à igualdade de direitos, liberdade de interação de saberes e respeito às diferenças são agregadores que servem como ações afirmativas corroborativas para uma prática pedagógica inseridas na escola a noção de alteridade e a necessidade de se respeitar o diferente. Se é primordial a criação de leis para que isso ocorra no país, então acredita-se que: “a implementação corresponde a uma ação afirmativa, que visa à revisão da qualidade das relações étnico-raciais no Brasil, as quais são produzidas e reproduzidas predominantemente na/pela escola” (AMÂNCIO, 2008, p. 37).

A partir do pressuposto de que os conteúdos dos currículos nacionais, as heranças africanas, como fatos históricos e memória coletiva atingem um ícone da educação formal, principalmente no livro didático, pretende-se abordar as intervenções autorais de dois autores africanos, Luís Bernardo Honwana e Ondjaki, com suas respectivas literaturas (Moçambique e Angola), para que possam contemplar, além do conhecimento a ser adquirido, seguir os princípios básicos das Diretrizes Curriculares para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

o ensino de História e Cultura afro-brasileira, africana e indígena, deve ser inserido no cotidiano escolar de modo a abranger diferentes modalidades de ensino bem como conteúdos diversos, como Educação Artística, Literatura e História, “sem prejuízo das demais atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares (BRASIL, 2004, p.21).

Nesse contexto, o olhar sobre o Continente Africano a ser lançado no referido trabalho visa a eliminar qualquer tipo de visão estereotipada, priorizando o entrelaçamento das relações entre história e literatura, os valores culturais da escrita africana, em suas múltiplas vozes culturais. Além disso, propõe-se utilizar a memória como um processo de recuperar uma história construída através da ficção, retratando a luta do povo de Angola e de Moçambique na construção de sua nação, especificamente através dos contos dos autores Luís Bernardo Honwana e Ondjaki.

No ensino das literaturas de língua portuguesa, esse texto busca seguir o que foi sugerido por Abdala Júnior (2003, p. 36), no que diz respeito à história:

A história da literatura deve ser vista, entendemos nessa plurivocidade discursiva, com relatos entrecortados, conflituosos, como matéria voltada para o antes, que pode vir a ser o depois. No enovelado de linhas que se embaraçam, torna-se necessário buscar ainda intersecções e confluências com conjuntos de outros repertórios.

A perspectiva nessa investigação é de inicialmente introduzir breves considerações a respeito da história e da cultura dos dois países em questão, buscando neste contexto elementos que trazem reflexões de contextos coloniais e pós-coloniais, e de como esses países produziram autores consagrados na literatura moçambicana e angolana em contextos diversos. Após essa intervenção, a leitura mostrará a intertextualidade existente entre os dois textos, sendo que o conto de Ondjaki torna-se importante para se compreender o texto de Luís Bernardo Honwana, desde que o leitor tenha um conhecimento anterior de “Nós matamos o Cão Tinhoso”.

## **2.1 Luís Bernardo Honwana: “Nós matamos o cão tinhoso” e o universo colonial em Moçambique**

Moçambique é um país localizado no continente africano, estrategicamente situado no Sudoeste deste mesmo continente, estabelecendo fronteiras com a Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, Suazilândia e África do Sul. A capital de Moçambique é Maputo. A independência de Moçambique ocorreu em 1975, após várias guerras e batalhas, entre mais de quatrocentos anos de dominação. A língua oficial é o português, sendo que existem inúmeras línguas locais de grupos étnicos diversos. (CABAÇO, 2009).

Moçambique, atualmente, concentra um reconhecido número de escritores de literatura reconhecidos mundialmente. Entre eles, Mia Couto, José Craveirinha, Luís Carlos Patraquim, Luís Bernardo Honwana, Albino Magaia, Ungulani Ba Ka Khosa, Paulina Chiziane, Noémia de Sousa, dentre outros.

Pires Laranjeira (1995) divide a literatura moçambicana em cinco momentos, sendo que iremos priorizar o período de 1964 até 1975, que demarca o início da luta

armada de libertação nacional e a independência de Moçambique. É nesta época que estão inseridas as obras de Luís Bernardo Honwana (*Nós matamos o cão tinhoso*), José Craveirinha (*Xibugo*), e de Orlando Mendes (*Portagem*).

Luís Bernardo Honwana nasceu em Maputo, Moçambique em 1942, antiga Lourenço Marques (nome colonial de Maputo), regressou a capital de Moçambique em 1959, para se dedicar ao Jornalismo, vindo a tornar-se amigo de José Craveirinha, na época, o mais influente poeta de Moçambique. A amizade com Craveirinha proliferou não somente na literatura como na política, e em torno dessa amizade formou-se um círculo de amigos que conviviam com intelectuais brancos, como Rui Knopfli e Eugénio Lisboa. Em 1964, Honwana uniu-se ao FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), um grupo militante que pretendia libertar Moçambique de regime opressor colonial português. Nesse período, devido ao seu posicionamento político anticolonial foi preso, juntamente com Craveirinha, pela Polícia Política de Portugal (PIDE), de 1964 a 1967. Na prisão escreveu o livro *Nós matamos o cão tinhoso*, posteriormente, considerado uma obra fundamental da literatura moderna de Moçambique (NOA, 2015).

Participou ativamente do processo de libertação moçambicano, e no seu livro de contos: *Nós matamos o cão tinhoso*, considerado um marco da literatura moderna moçambicana, apresenta um retrato histórico do regime colonial português em Moçambique. De acordo com Pires Laranjeira,

o aparecimento de *Nós matamos o cão tinhoso*, estabeleceu um novo paradigma para o texto narrativo moçambicano, após a curta e esteticamente inexpressiva experiência do jovem malogrado João Dias (na viragem para a década de 50), pondo de lado, é claro, textos com menos pretensões qualitativas. (LARANJEIRA, 1995, p. 290)

*Nós matamos o cão tinhoso* é composto por sete contos que, de modo geral, recriam a atmosfera opressora vivida pelos trabalhadores colonizados de Moçambique e suas famílias. Os contos enfatizam a violência material e simbólica, do racismo e de todo tipo de injustiças a que era submetida a população moçambicana pobre em meados do século passado. O conto que dá título ao livro nos traz a história do Cão Tinho, um animal velho, já em estado decrépito, cheio de feridas e muito fraco, que vive em uma escola onde todos sentem raiva do Cão, e nem mesmo os outros cachorros querem brincar com ele, a única que parece se importar com o animal é a Isaura, uma das alunas da escola, e em alguns momentos

do conto, o próprio narrador. A professora considera Isaura uma pessoa perturbada, com problemas mentais, parece não existir no mundo dos outros, a chamam de "parva", por seu jeito silenciado.

Isaura é a única que cuida do Cão Tinhoso, tem cuidado por ele, e não se importa com as feridas que carrega na pele, sempre enojado por todos. As outras personagens, que são as crianças formadoras da "malta" da escola, têm o seguinte tratamento em relação ao Cão Tinhoso: Ginho é o narrador da história, inicialmente diz que o Cão é imundo, e até os próprios cães repelem a presença do animal. Os meninos da malta são em doze, e todos os sábados à tarde, jogam futebol no clube da cidade onde o cão tinhoso vai assistir ao jogo. Na varanda do clube estão sempre presentes jogando sueca, o Senhor Administrador, o Doutor Veterinário Duarte, e o Chefe dos Correios. De acordo com a apresentação dos nomes das personagens no conto, (todos começados com letras maiúsculas) fica nítido que representam o sistema colonizador na cidade.

Dessa forma, o cenário é palco para o Cão Tinhoso assistir aos jogos, porém, os administradores não consideram o ambiente adequado para a presença de um Cão em estado lamentável e quase putrefato, uma vez que mostra suas feridas, e o aspecto asqueroso e doente. Durante o jogo de sueca, o Senhor Administrador foi derrotado no jogo pelo Dr. Veterinário, por esse motivo, o Ginho, menino negro da malta, e o Cão Tinhoso ficavam rindo dele. Notem que a narrativa destaca o Cão Tinhoso como se fosse um ser humano, uma vez que o riso não pertence ao animal. Por esse motivo, o Senhor Administrador se sente humilhado por dois seres que ele considera escórias: o menino negro e o Cão ferido, por isso decide cuspir em direção a eles, como se o cuspe fosse para atingir o Ginho e o Cão Tinhoso. Depois desse episódio, o Senhor Administrador decide que é hora de matar o Cão Tinhoso, e procura manter as coisas em ordem, pois somente a presença do Cão já produzia incômodo suficiente e precisava ser eliminado.

A partir dessa representação, observa-se que as personagens mostram as forças produtivas em jogo, as relações sociais muito bem demarcadas, a organização do Estado colonial, que são viáveis por meio das autoridades e administradores, como se as instituições dessem aspectos ao contexto colonial e ao corpos e mentes das personagens.

A história do Cão Tinhoso se passa em uma cidade interiorana, e se desenvolve em três espaços narrativos importantes: a escola, o clube e o mato atrás



do matadouro, onde o Cão Tinhoso será posteriormente executado. O conto se inicia com uma descrição do Cão Tinhoso através do olhar de Ginho, o narrador. Embora ele expresse em certos pontos do texto sua repulsa pelo Cão, em outros se coloca de modo indiferente, justificando sua postura na seguinte passagem: “Ninguém gostava dele porque era um cão feio” (HONWANA, 1984, p. 05), o aspecto que mais chama a atenção do narrador sobre o cão são os olhos, a sensação que olhar naqueles olhos tão expressivos lhe causava:

O cão tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, ... Metiam medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer. (HONWANA, 1984, p. 04).

Ninguém gostava do Cão Tinhoso, mesmo os outros cachorros. A única que se importava com o cão era Isaura, ela que dava comida e brincava com ele. A personagem é descrita como “parva” pelo narrador, uma vez que quase não falava, e mesmo quando tentava falar não era ouvida, e também não escutava o que os outros lhe diziam. Vítima constante de chacota por seus colegas da escola, que costumavam fazer uma ciranda a sua volta e chamá-la de “Isaura-cão-tinhoso”, consideravam uma semelhança entre ambos, pelo comportamento recolhido e inferiorizado. Ela não parecia se importar com a chacota, apenas ficava no meio da ciranda sem falar nada. O narrador chega a contar da única vez em que falou com Isaura, falava com o Cão olhando para a parede, queria ter notícias do Cão Tinhoso que chamava de “meu”. O cão acaba por aparecer, e enquanto Isaura lhe faz carinhos, a professora aparece e a repreende, expulsando o Cão Tinhoso por apresentar um aspecto doente.

Essas passagens são apropriadas para que o leitor notifique de que forma o Cão Tinhoso é uma representação dos colonos, do povo explorado e massacrado pelos colonizadores. Um Moçambique tomado pelo choro, desgraças, fome e miséria que fazia parte da população.

Durante o período colonial, algumas vezes vieram em socorro das vítimas de preconceito e desigualdade social, entre eles, o jornal *O Brado Africano*, que na sua primeira fase restringia-se as atividades recreativas, sendo politicamente passivo em relação ao governo colonial, subordinando-se à Direção dos Negócios Índigenas. Posteriormente, o jornal fundado por um grupo de negros provenientes

da segunda cisão de *O Brado Africano* não se deixou intimidar, e começou a publicar artigos que denunciavam a opressão e a violência do governo colonial. De acordo com Leila Leite Hernandez:

Não foram só as elites culturais de Moçambique que mostraram uma consciência crítica em relação à falta de igualdades e de liberdades. Seja pelo critério de raça, pelo etnocentrismo ou pela articulação de ambos, a população era dividida entre "indígenas" e "não-indígenas", ao mesmo tempo que se fazia uma distinção entre comunidades com ênfase nas diferenças histórico-culturais que condicionavam as experiências dos indivíduos na sua vida cotidiana. (HERNANDEZ, 2005, p. 600).

Comparar o contexto histórico com a literatura de Honwana é uma forma de perceber como ocorria o cotidiano das crianças que perseguiram o Cão Tinhoso, além de constatar a insistência desse Cão de querer fazer parte daquele universo infantil, refletindo uma tentativa de ser aceito e assimilado. No entanto, a reação das crianças, conhecida por "malta" da escola, era sempre de desejarem o fim do Cão Tinhoso, apesar de também serem vítimas de um sistema opressor, porém não se davam conta dessa condição.

Durante os fins de semana, o Cão costumava ir ao clube ver a "malta" jogar futebol, é nesse local onde os rapazes da malta excluem o Ginho do jogo, fazendo com que o menino negro fosse assistir a partida de sueca entre o Senhor Administrador, O Chefe dos correios e o Doutor da Veterinária, o Sr. Duarte. Durante a partida o Doutor da Veterinária, que derrota o Senhor Administrador, este fica claramente alterado com a derrota: "Ouve lá, o que é que este cão está a fazer ainda vivo? Está tão podre que é um nojo, caramba. Bolas para isso! Ai que eu tenho de me meter em todos os lados para por muita coisa em ordem..." (HONWANA, 1984, p. 12). Ginho não compreende de momento a ordem do Senhor Administrador, que estava na verdade sentenciando o Cão Tinhoso à morte, e procura falar a seus amigos sobre o destino do Cão Tinhoso, mas a malta está entretida com o jogo e não dá atenção ao garoto.

Observa-se nessa passagem, que a malta não nutria nenhum tipo de atenção ao Cão, pois as crianças, de um certo modo, estavam subordinadas às ordens do Senhor Administrador. De volta à escola, Ginho questiona ao Quim, de que modo o Senhor Veterinário daria cabo do Cão Tinhoso, sugerindo que ele sacrificasse o Cão por meio do uso de drogas. Ou seja, drogar o Cão poderia significar uma morte menos dolorida, pois a preocupação era de que o Cão não

sofresse na morte, uma vez que já sofria além da conta em vida. A outra criança, Chiça, intervém na conversa, sugerindo de que ele matará o Cão com um tiro de bala ponto vinte e dois. Na sala de aula, a professora interrompe a conversa dos meninos, e Quim resolve contar na frente de toda a turma os planos do Doutor Veterinário para o fim do Cão Tinhoso. A notícia do sacrifício do Cão Tinhoso retrata uma lamentável decisão para a menina Isaura, a única que parece ter piedade do Cão, e assim decide falar com o Ginho. O garoto desmente a história, convencendo Isaura de que é mentira de Quim, a tranquilizando. O contato posterior entre Isaura e o Cão Tinhoso, e o ato da garota em falar com Cão procurando deixá-lo tranquilo ao revelar que nada acontecerá a ele, faz com que o sentimento de solidariedade seja mostrado como se tratasse de um ser humano, e não de um animal, como pode ser percebido na seguinte passagem:

O Cão-Tinhoso ainda ficou um bocado a olhar para a Senhora Professora, com os olhos grandes a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer. Eu vi-lhe lágrimas a brilhar em riscos no focinho. A Senhora Professora deu um grito para o Cão-Tinhoso ouvir bem:

— Suca daqui!

O Cão-Tinhoso voltou-lhes as costas e desapareceu portão fora, sem dizer nada, com o seu andar de carroça velha e com a cabeça a fazer balanço como os bois. (HONWANA, 1984, p. 19)

Importante observar que Isaura mantém o máximo o seu silêncio. A mudez é recorrente, pois quando se sente apreensiva, ainda fica mais difícil conseguir atribuir algum tipo de opinião. Porém, quando se trata de defender o Cão Tinhoso, a garota parece recuperar a voz, e constrói um discurso ao suplicar a todos que não lhes faça maldade.

O Doutor Veterinário, agora chamado pelos meninos de Sr. Duarte, decide reunir a malta e encarregá-los de executar o Cão Tinhoso. Ele fala ter conhecimento das atividades ilícitas dos meninos, que envolve o uso de armas dos pais, que eles pegaram sem autorização, para matar alguns pássaros na mata e usa esse argumento afim de persuadi-los a pegarem as armas dos pais, escondidos, e matar o Cão Tinhoso da forma mais discreta possível.

A malta resolve seguir as ordens do Sr. Duarte, carregando as armas dos pais. Em sequência, os garotos amarram uma corda no pescoço do Cão Tinhoso o levando para a mata atrás do matadouro. Toda a crueldade da cena reforça a opressão dos mais fracos. Os meninos tiram a sorte para saber quem irá atirar no

Cão, e Faruk fica encarregado de puxar o Cão pela corda. Insatisfeito com a função, Faruk se nega a cumprir ordens, e Quim decide, então, transferir a função de carregar o Cão Tinhoso para o Ginho. Inicialmente, a malta é seguida por um grupo de meninos chamados no conto de “muleques do costa” (HONWANA, 1984 p. 19), que são violentamente expulsos por Quim, chegando a apontar a arma na direção deles. A malta segue o caminho enquanto o pobre Cão Tinhoso treme e chia com a boca fechada, se aconchegando nas pernas de Ginho, que a essa altura já está se afeiçoando ao cão: “— Quim, a gente pode não matar o Cão, eu fico com ele, trato-o das feridas e escondo-o para não mais andar pela vila com essas feridas que é um nojo...” (HONWANA, 1984, p. 21).

Apesar dos apelos de Ginho, a malta ignora a vontade dele e segue com o plano de matar o Cão Tinhoso, mas que isso, insistem que Ginho dispare o primeiro tiro. O grupo pressiona Ginho a atirar, questionando sua masculinidade e agredindo-o verbalmente: “— Isso são desculpas, isso são desculpas... Tu não és macho, como a gente... Maricas! Não tens vergonha? Dá lá o tiro, anda...” — Porra, atiras ou não, preto de merda?” (HONWANA, 1984, p. 29).

Esse contexto mostra claramente a forma como a malta quer se livrar do Cão, mas ninguém demonstra coragem de matar aquele animal, que já está morto socialmente, pois ninguém interage com ele, exceto Isaura, o Cão é a figura nítida de um excluído, enojado por todos, e enxotado onde chega. Os garotos foram obrigados a seguir a ordem do colono, que por si só demonstra a sua mediocridade e fraqueza, quando ele próprio não teve coragem de interromper a vida do Cão Tinhoso. É nesse aspecto que surge a figura do colonizador, que de acordo com Albert Memmi:

Na verdade, o colonizador vela por isso: esterilização contínua das elites, destruição periódica, por corrupção ou opressão policial, daquelas que conseguem apesar de tudo surgir; aborto, por provocação, de todo movimento popular, com esmagamento brutal e rápido. Notamos também a hesitação do próprio colonizado, a insuficiência e ambiguidade de uma agressividade de vencido que, a despeito de si mesmo, admira o vencedor; sua esperança, por muito tempo tenaz, de que a onipotência do colonizador daria à luz uma bondade completa. (MEMMI, 2007a, p.68).

Observa-se, assim, que o Ginho segue as ordens de um medíocre e covarde, que se diz colonizador, e por isso tem poder sobre a malta. O garoto busca

fechar os olhos, pois se sente incapaz de encarar os enormes olhos do Cão Tinhoso. Nessa passagem da narrativa, o menino pede perdão ao Cão e cede a pressão da malta, disparando tiros no Cão Tinhoso. Ao continuar de olhos fechados, ele pode ouvir os gemidos do Cão semelhantes aos de uma criança. No contexto, quando ele abre os olhos se depara com Isaura, que fora avisada pelos “meninos do costa” sobre a malta estar armada e com o Cão Tinhoso sob custódia. Isaura está agarrada ao pescoço do Cão, chorando e gemendo sem dizer uma palavra.

Apesar de toda comoção em relação à morte do Cão, pode-se perceber que as crianças ainda mostram um pouco de sentimento, com a piedade por aquele ser tão indefeso. Essa reação é bastante recorrente, mesmo com toda a possibilidade de saber que o Cão terá seu fim concluído, conforme desejo do Senhor Administrador. A partir da reação do narrador observa-se que ele medo de voltar a sentir aquele sentimento de piedade, pois isso é uma forma de mostrar fraqueza:

Os outros, às vezes calavam-se, e só o Quim é que se ria sempre, sempre e cada vez com mais força. Os outros ouviam-no quando se calavam e voltavam a rir-se com força como ele. E riam-se, riam-se, riam-se enquanto o peso no meu pescoço e cá dentro aumentava cada vez mais. Parece que nunca mais acabavam de se rir, e eu com aquilo só tinha vontade de chorar ou de fugir com o Cão-Tinhoso, mas também tinha medo de voltar a sentir a corda a tremer de tão esticada, com o chiar dos ossos a querer fugir da minha mão, e com os latidos que saíam a chiar, afogados na boca fechada como ainda há bocado. Sim, eu nunca mais queria voltar a sentir isso. (HONWANA, 1984, p. 36).

O Cão não foi atingindo fatalmente pelo tiro, e ainda está vivo, porém a malta ainda deseja executar o trabalho. Assim, Quim encarrega Ginho de tirar Isaura de cima do Cão Tinhoso, mas Isaura não facilita a tarefa, que resiste, mas Quim conta de um até três, para que no fim, toda a malta atire em conjunto no convalescente Cão. Quando Quim chega no três a malta hesita, e ele vê a necessidade de ameaçar os meninos, que cedem a ordem e, na última tentativa, atiram, no final da segunda contagem, contra o Cão Tinnhoso. O barulho das balas assusta Isaura, que cai sobre o Ginho e fica sobre ele durante o tiroteio, a malta continua atirando, mesmo quando o Cão já está falecido.

No encerramento do tiroteio, Isaura que vive no silêncio, emite um último berro, que é ignorado pela malta. Por fim, os meninos começam a se gabar dos tiros que acertaram em cheio o Cão, sem demonstrar o menor remorso ou piedade pelo

animal aniquilado, pelo contrário, estavam cheios de si: “— Eu acertei o tipo no olho esquerdo quando o tipo ainda estava de pé”. (HONWANA, 1984, p. 34) “—... A gente atirou para um alvo já morto”. (HONWANA, 1984, p. 35). Isaura se levanta e vai embora, ainda sem dizer uma única palavra e deixa a malta para trás. O comportamento dos meninos, que agem de forma fria e calculista, recai como um processo do fascismo, como um regime de opressão, e que de uma certa forma está totalmente ligado ao colonizador. Os meninos foram obrigados a fazer algo terrível, que no início se mostraram com algum tipo de sentimento de piedade pelo Cão, mas depois do serviço realizado, o sentimento que sobrou foi o de alívio com desprezo pela vida do animal. Diante desse aspecto, mais uma vez fica evidente o traço do colonialismo na narrativa, que segundo Memmi:

as relações humanas ali provêm de uma exploração tão intensa quanto possível, fundam-se na desigualdade e no desprezo e são garantidas pelo autoritarismo policial. Não há qualquer dúvida, para quem o viveu, de que o colonialismo é uma variação do fascismo. Esse rosto totalitário, assumido em suas colônias por regimes muitas vezes democráticos, só é aberrante na aparência: representados junto ao colonizado pelo colonialista, eles não podem ter outro. (MEMMI, 2007b, p. 100).

Essa relação entre o colonizado e o colonizador é muito próxima, pois uma ordem emitida por um superior, com a promessa de expor os meninos aos pais, caso não cumprissem a ordem de matar o Cão somente reforça a subordinação dos mais fracos em relação aos mais fortes. O aspecto colonial é fortemente apreendido nesse contexto, no qual o colonizado ainda está fortemente subordinado aos desmandos do colonizador.

No dia seguinte a morte do Cão Tinhoso, Ginho está novamente na escola na hora do intervalo olhando os cachorros brincando, pensando no Cão Tinhoso. Quim aparece para conversar com Ginho, ele diz que Isaura pediu ao pai dela que ele batesse neles pelo que fizeram, e o Quim ri, debochando da pobre Isaura. Ele não compreendia, ao mesmo tempo em que era algoz do pobre Cão não deixava de ser vítima do sistema colonial. No fim a professora aparece e ordena ao Quim e ao Ginho para voltarem à sala de aula. Nesse contexto, compreende-se o posicionamento da senhora professora em conceber a figura de alguém importante na sociedade, que produz um discurso inserido em um espaço social, onde tudo que é emitido por ela se torna uma verdade absoluta, e muitas vezes inquestionável. Esse tipo de discurso, que é institucionalizado como verdade, faz parte de um grupo

de poder que alimenta esse estereótipo para a permanência de uma subalternidade do colonizado.

No entanto, de acordo com a reação das personagens ao decidirem sobre o fim do Cão Tinhoso, verifica-se que há bastante receio em liquidar o animal, como se houvesse outra alternativa e não quisessem aceitar a intimação de matar o Cão rejeitado por todos.

— Não atires a matar, estás a ouvir? Mas se quiseres, podes atirar... Sabes, é só porque tu estavas todo cheio de cagufa e era preciso mostrar à malta que não és maricas. E por isso que tu és o gajo que vai dar o primeiro tiro... Eu se fosse a ti atirava a matar e despachava o gajo logo... Não há azar nenhum nisso, foi o Senhor Duarte que mandou... E assim poupavas o trabalho à malta. E que um tipo chega para matar o cão, e escusávamos de encher o gajo de chumbo, que isso é ser maldoso e se o Padreca souber disso é capaz de andar para aí a dizer que nós somos ordinários. Sabes, Ginho... Eu acho que o Doutor da Veterinária devia ter liquidado o sacana do cão com uma droga qualquer... Eu li numa revista que na América os cães matam-se com drogas... Sim, lá na América, quando um Doutor da Veterinária quer matar um cão que anda lá nas ruas cheio de feridas que é um nojo, dá-lhe uma droga qualquer... Só para mostrar ao Doutor que ele não percebe nada disto a malta devia não matar o cão... Não era por medo nem por nada, mas era para o gajo ver... Ginho, não achas que devia ser assim? Não, não achas? Hem? (HONWANA, 1984, p. 39).

Entretanto, quando as crianças resolvem matar o Cão há o contraste com a frieza com que os meninos tratam sobre a morte do Cão Tinhoso, pois o drama fica evidente. Esses elementos podem representar as reações contraditórias existentes nas zonas explícitas e implícitas da separação entre colonizado e colonizador, aprofundando-se as diferenças. Conforme as palavras de Conceição Evaristo:

Isaura-cão-tinhoso, cão-tinhoso-Isaura, ambos presença indesejável na escola, por sua diferença, não reagia ao insulto (...). O Cão, a menina, ambos metáfora do colonizado, são mercedores de uma morte física ou moral e são também, vítimas e algozes, signos de ameaça. E o dominador, o usurpador passa a desejar a supressão moral e física do usurpado. (EVARISTO, 2006, p. 236).

A partir dessa leitura sobre o conto “Nós matamos o Cão Tinhoso”, encontra-se a possibilidade de verificar várias leituras e interpretações, porém uma das que mais se destaca refere-se à trajetória de um menino, que a princípio se gaba pela morte de um Cão totalmente rejeitado pela sociedade, como também carrega a culpa pela morte de um inocente, que o único defeito era o de ser doente e indesejável por suas feridas expostas. Observamos que o Cão e o menino são

representações visíveis do colonizado africano, pois trazem em suas narrativas a fragilidade e a capacidade de serem indesejados pelos dominadores. Conseguem fugir de bombas, mas sucumbem, como no caso do cachorro, que não resiste aos tiros da malta, ou continuam em sua existência no papel de subservientes dos poderosos, no caso do menino.

A Isaura gemia e estava toda mole, a não querer andar e com os olhos todos saídos a olhar o Cão-Tinhoso. Eu também tinha pena de ver o Cão-Tinhoso a morrer, mas não adiantava nada levá-lo para casa e tratar-lhe as feridas e fazer uma casinha para ele dormir, porque ele era capaz de não gostar disso. Eu sabia que ele já sabia de muitas coisas para só querer o que qualquer cão podia ter. O Cão-Tinhoso devia estar à espera de qualquer coisa diferente do que os outros cães costumam ter, sempre com os olhos azuis a olhar, mas tão grandes que parecia uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer. E mesmo quando olhava para os outros cães, para as árvores, para os carros a passar, para as galinhas do Senhor Professor a debicar no chão por entre as patas dele, para os miúdos de primeira classe a jogar berlines ou outra coisa qualquer, para o Senhor Administrador e para os outros a jogar à sueca na varanda do Clube aos sábados à tarde, para o Quim a contar coisas na loja do Sá, para a Isaura a dar-lhe o lanche e a falar com ele, sempre quando olhava, estava a pedir qualquer coisa que eu não entendia mas que não devia ser só para lhe tratarem as feridas, para lhe darem de comer ou para lhe fazerem uma casinha. (HONWANA, 1984, p. 40)

Nesse sentido, Isaura é a representação da vítima, que fragilizada pelo sentimento de piedade não consegue salvar o Cão. Os meninos da malta são algozes do Cão Tinhoso, mas também tomam para si a pecha de vítimas de uma sociedade que não tolera os subservientes, mas que os usam até as últimas consequências para tornarem possíveis seus desmandos.

O conto de Honwana apresenta questões sociais de exploração e de segregação racial, de distinção de classe e de educação. A figura do Cão Tinhoso é uma representação do próprio colonizado, pois é o cão do medo, o cão da guerra, e o cão colonizado. Entretanto, também pode ser visto como o cão colonizador, o cão coragem, o cão da decadência, o cão de fantasia, o cão da ingenuidade, o cão criança adulta ou o cão fatalidade. São inúmeras as simbologias desse Cão.

A partir dessas considerações breves em torno do conto de Honwana, a proposta de se passar para o conto de Ondjaki, "Nós choramos pelo Cão Tinhoso", observando a conexão entre ambos. A expectativa na leitura de análise dos dois textos é a de que se procura pela ação humanizadora contido nas duas narrativas.



## 2.2 Ondjaki: “Nós choramos pelo cão tihoso” – aspectos anticoloniais ou as subjetividades dos sujeitos

Angola é um país que fica no continente africano, fazendo fronteiras com a República Democrática do Congo, com a Zâmbia e a Namíbia e com o Oceano Atlântico. A língua portuguesa foi introduzida neste país no período da colonização portuguesa, atualmente utilizada na produção literária angolana. Ou seja, o português é a língua oficial, sendo que boa parte dos angolanos, principalmente nos interiores utilizam outras línguas consideradas nacionais (HERNANDEZ, 2005).

Ondjaki, cujo nome de batismo é Ndalú Ferreira, nasceu em Luanda, no dia 5 de julho de 1977. Filho de descendentes de portugueses adotou o gosto pela leitura propiciada por obras tais como as de Asterix, e algum tempo mais tarde conheceu a literatura de autores franceses como Jean Paul Sartre, e dos brasileiros Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. O nome Ondjaki, que adotou como escritor, significa (aquele que enfrenta desafios). Licenciou-se em Sociologia, continuando seus estudos em Lisboa. Doutorou-se em Literaturas na Itália. Atualmente reside no Rio de Janeiro.

Ondjaki possui vários livros publicados entre poesia, romances, contos, novela, teatro e livros infantis. Entre as principais obras, em que trazem crianças como protagonistas, *Bom Dia Camaradas* (romance, 2001), *Os da minha rua* (contos, 2007) e *Avó Dezanove e o segredo do soviético* (romance, 2008), dentre outros, que também estão traduzidos em mais de quinze países.

Em 2007, o escritor angolano Ondjaki publicou o livro de contos *Os da minha rua*. Nele, um dos contos faz referência explícita ao texto de Honwana: “Nós choramos pelo cão tihoso”, título do conto de Ondjaki, em que narra a experiência de leitura do texto do autor moçambicano por um grupo de alunos da oitava série, numa aula de português, em uma escola de Luanda. O contato com a história da morte do cachorro Cão Tihoso, por um grupo de crianças moçambicanas que, de certo modo, haviam absorvido toda a brutalidade e violência do sistema colonial, deixa o grupo de estudantes angolanos perplexo e emocionado, atestando simultaneamente o poder humanizador da literatura e um diálogo solidário entre as gentes e as literaturas de Moçambique e Angola (SECCO, 2008).

Em *Os da minha rua* está inserido o conto “nós choramos pelo cão tihoso”, no qual Ondjaki dedica ao escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, autor do conto “Nós matamos o Cão Tihoso”, como forma de homenagear o escritor que publicou em um período dominado pelo colonizador. O diferencial desse conto é de que será utilizado em sala de aula, cujo objetivo é de observar de que forma a turma reage à violência cometida ao cão, e na referência anticolonial considera-se o texto de Ondjaki escrito em um contexto pós-colonial, considerando a definição do termo elaborada por Ana Mafalda Leite:

O termo pós-colonialismo pode ser entendido como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar, além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do *corpus*, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso de textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo. (LEITE, 2012, pp. 129-30).

Importante averiguar o fato de que o conto “Nós choramos pelo Cão Tihoso” visa mostrar uma realidade ocorrida no período colonial através do conto “Nós matamos o Cão Tihoso”, essa memória ressurgiu de um modo consternado, pois o Cão representa no conto de Honwana tudo aquilo que ninguém quer observar ou despertar na lembrança: o Cão simboliza o retrato do asqueroso, nojento e doloroso, além de seu odor pútrido insuportável. A pele do Cão Tihoso configura um aspecto de horror, ele é o excluído, aquele em que todos desejam a distância e eliminar seria o principal objetivo. Da pele do Cão Tihoso estão as feridas abertas e o sangue supurando.

Para Eliana Reis (1999), textos como este de Ondjaki, que desperta no leitor a reflexão em torno das mazelas humanas, estão inseridos dentro do que ela define como literatura pós-colonial. Segundo a autora:

A chamada literatura pós-colonial não consegue, assim, escapar ao neocolonialismo. Como críticas mais recentes têm demonstrado, o prefixo pós de pós colonialismo não significa o fim do colonialismo, mas a inserção num contexto de internacionalização do mercado – inclusive do mercado de bens culturais. Afinal, depois do processo de globalização iniciado pelo imperialismo, não há como separar a história das antigas metrópoles das histórias dos povos colonizados, e nem como manter o antigo conceito de Estado-Nação. (REIS, 1999, pp. 14-15).

É a partir dessa leitura que a imagem de horror identificada na figura do Cão pode ser uma analogia com o colonizado, considerado um estorvo social. A possibilidade de se livrar daquele mal é usado através das crianças, a partir da ordem de um administrador que controla a sociedade, dessa forma, a decisão de matar o Cão Tinhoso pode exibir um modo de eliminar os traços da colonização pois se trata de um incômodo social.

A semelhança que une os dois textos se presentifica no espaço narrativo da escola, especificamente no conto de Ondjaki na sala de aula. Em “Nós matamos o Cão Tinhoso”, de Honwana, a “malta” é configurada em vários momentos diversificados na vida escolar dos alunos. Sempre estão sendo vigiados, seja pela professora nos corredores da escola, na varanda do clube ou na sala de aula. O conto de Ondjaki, que contextualiza o conto de Honwana, também se desenvolve no ambiente escolar, sendo esse caso uma situação determinada pela professora de Língua Portuguesa, que aplica um exercício de leitura de texto evidenciado pelo conto de Honwana, “Nós matamos o Cão Tinhoso”.

O relevo dado ao espaço da escola, mais especificamente à sala de aula, nas narrativas africanas aqui analisadas, faz com que o jovem perceba sua atuação em leituras do texto moçambicano, ao lembrar da experiência vivida anteriormente, quando ainda era imaturo ao ser comparado na idade atual:

Eu já tinha lido esse texto dois anos antes, mas daquela vez a estória me parecia mais bem contada com detalhes que atrapalhavam uma pessoa só de ler ainda em leitura silenciosa – como a camarada professora de português tinha mandado. Era um texto muito conhecido em Luanda: “Nós matámos o Cão Tinhoso” (ONDJAKI, 2009, p. 98).

Diferente do que Todorov (2009), no livro *Literatura em perigo*, coloca em relação à reação do texto literário por uma turma do ensino médio, a proposta inserida na turma de oitava classe surte um efeito diferente, tanto pode ocorrer devido ao sentimento de piedade despertada na turma, em direção ao nível de idade dos jovens alunos, ou ao fato de ainda não terem sido contaminados pela indiferença que atinge vários jovens do ensino médio:

Sem qualquer surpresa, os alunos do ensino médio aprendem o dogma segundo o qual a literatura não tem relação com o restante do mundo, estudando apenas as relações dos elementos da obra entre si. O que, não

se duvida, contribui para o desinteresse crescente que esses alunos demonstram (TODOROV, 2009, p. 39).

A leitura do conto “Nós choramos pelo cão tihoso” destaca várias crianças em uma sala de aula da oitava classe e é narrado por um garoto chamado Jacó. Durante a aula a “camarada” Professora reúne os alunos a fim de fazer uma leitura do conto “Nós matamos o cão tihoso”, de Honwana, em sala de aula, dividindo o conto em trechos e selecionando os alunos mais capacitados para lerem cada um dos trechos em voz alta para turma. Na história o narrador deixa claro que já havia lido o conto alguns anos atrás, porém o passar dos anos torna a leitura diferente em seu contexto pós-colonial. Nesse aspecto, literatura e história se unem com o objetivo de mostrar dados de uma realidade cruel, ou como define Inocência Mata, o texto literário indiciar a manifestação de uma vertente:

É essa a intertextualidade colonial, que não se limita à criação dos mesmos actantes (colono/ trabalhador/ mulher negra/ ajudante e amigo negro/ mau colono/ espaço hostil, etc.) mas antes releve da dimensão pragmática e programática dessa ideologia na sua vertente expansionista. E o texto literário é, tão somente, uma manifestação dessa vertente. (MATA, 2001, p. 50).

Nesta narrativa, Jacó conta que já havia lido aquele conto em sala de aula, dois anos antes, e lembrava claramente do enredo do conto. As lembranças do garoto indicam que conforme a leitura ia se desenrolando, o texto se tornava duro, tão duro a ponto de sentir uma lágrima pesar em seus olhos. Jacó diz não compreender tal sentimento, uma vez que já havia lido o conto anteriormente e sua reação teria sido diferente, menos comovente. Ele compara a atividade escolhida pela professora com a ordem do Veterinário à malta no conto de Honwana, comparou os colegas de sala a própria malta, assim, ele sabia que no fim o Cão Tihoso e Isaura iriam sofrer no final. Ele ressalta a sua simpatia pelos personagens Isaura e Cão Tihoso: “O cão se chamava Cão tihoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isso, mas eu gosto muito do cão tihoso.” (ONDJAKI, 2007, p. 132).

O narrador repara que os colegas começam a ler o conto mais devagar, como se escolhessem o tom correto para cada parágrafo, ou como se o medo de chegar até o fim do conto sem despertar a comoção causada pela morte do Cão. Já

perto do desfecho, havia grande tensão na sala, alguns alunos já tinham os olhos molhados, e bochechas vermelhas. Um dos alunos chamado Olavo, aproveita a tensão presente na sala como oportunidade para fazer chacota de algum colega:

Na terceira parte até a camarada professora começou a engolir cuspe seco na garganta bonita que ela tinha, os rapazes mexeram os pés com nervoso miudinho, algumas meninas começaram a ficar de olhos molhados. O Olavo avisou: "quem chorar é maricas então!" e os rapazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer uma cara como se nada daquilo estivesse a ser lido. (ONDJAKI, 2007, p. 134).

A professora deixou Jacó por último, houve tensão no momento em que ele se levantou para realizar a leitura oral, havia expectativa em toda a sala visivelmente silenciosa: "Era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e querem lhe matar a qualquer momento. Mas o Ginho não queria. A Isaura não queria". (2007, p. 135).

A leitura oral na frente de toda turma era considerada uma tarefa difícil para Jacó, principalmente na ênfase daquele trecho, uma vez que necessitava concentração no texto, realizar uma leitura correta, e sem chorar diante dos colegas, dessa forma, sentia um peso atrapalhar a sua voz. Jacó encerra a leitura do texto quando toca o sinal, e todos os olhos da turma estão voltados para ele, havia um silêncio na sala, como se tiros tivessem sido disparados lá dentro, ele olha para as nuvens para impedir que as lágrimas escurram pelo seu rosto:

A camarada professora levantou-se, veio devagar para perto de mim, ficou quietinha. Como se quisesse me dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. Aliás, ela já tinha dito, ao me escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha, o último normalmente era o que lia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de me estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar. "Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes". (ONDJAKI, 2007, p.136).

No conto de Ondjaki fica visível o comportamento das crianças ao se depararem com a leitura do conto de Honwana, "Nós matamos o Cão Tinhoso", principalmente no que se refere à sensibilidade de cada uma. É um novo contexto, uma Angola pós-colonial, independente, sem as amarras do colonizador. As crianças na classe procuram uma forma de não serem escolhidas para a leitura do conto, pois sabem o quanto serão abaladas pelo o que acontece com o Cão Tinhoso. Não mostram a frieza e a distância na violência causada ao cão pelas atitudes da malta no conto de Honwana.

Neste sentido, percebe-se o caráter humanizador da literatura, conforme argumenta Antonio Candido:

A produção e fruição desta (função psicológica) se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. (CANDIDO, 1999, p. 82-83).

O argumento de Candido (1999) traduz a subjetividade do sujeito em direção ao sentimento da turma da oitava classe, em torno da morte brutal do Cão Tinhoso. É nesse sentido que a literatura traz seu caráter humanizador, ou seja, há uma necessidade da ficção na vida do indivíduo, e é imprescindível a forma como a fantasia está ligada à realidade que constata a ação psicológica da literatura. Portanto, o autor também chama a atenção para não confundir como uma ação pedagógica, de quem ler tem o poder de resolver tudo, não é isso, mas o caráter de poder formar, sem necessariamente ser manipulado por um poder maior.

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1999, p. 84).

O que existe nos dois textos significa uma inserção de intertextualidade, que faz com que os textos dialoguem entre si. Essa noção de dialogismo se refere a uma posição elaborada de como o texto é interpretado é o que vai garantir essa relação, verificando os traços semelhantes, o discurso empregado, o traço literário que se repete na abordagem de cada autor. Dessa forma, quando a turma de oitava classe é exigida para desenvolver a leitura do conto de Honwana, a relação de intermediário passa a ser o texto de Ondjaki, e de como esse conto afeta o imaginário dos alunos.

No conto de Ondjaki, o que está em causa é o choro dos jovens, que não

cansam de discutir como segurar o choro depois de lerem algo tão triste e doloroso. No entanto, no texto de Honwana também aparece, no início, o choro do Ginho, que não concorda com a eliminação do Cão. Esse texto revela um quadro do homem descolonizado, que ainda tem sentimentos, e se apieda com o fracasso dos outros (MEMMI, 2007a). Quando os dois textos são colocados lado a lado percebe-se que o ensejo do choro de ambos os contos é válido por conta da pena que a turma sente pelo Cão. No conto do Ondjaki as crianças sentem medo de chorar, e a vergonha se dá pelo fato da construção de que o homem não deve revelar seus sentimentos, com a possibilidade de ser visto como fraco ou covarde: “Olhei as nuvens. Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes” (ONDJAKI, 2007, p. 103).

Segundo Laranjeira, é necessário ter cuidado ao saber distinguir um texto colonial ou pós-colonial, principalmente quando o segundo sempre carrega um pouco do que foi disseminado no colonialismo. Dessa forma, defende o seguinte argumento:

É evidente que hoje, escreve-se muito, e com pertinência, sobre variados autores, temas e questões, que ganham noivas iluminações sob abordagens inusitadas, mas, por outro lado, escreve-se demasiado sobre temas (de)batidos até a exaustão, como se, neste momento histórico, fosse a primeira vez que se avaliasse a extensão do colonialismo nas mentalidades dos antigos colonizadores e dos novos e novíssimos descolonizados (perpetuada na mente dos nascidos na época pós-independência. (LARANJEIRA, 2016, p. 204).

Pode-se concluir que nesse caso aqui abordado, os contos de Honwana e de Ondjaki estão fortemente localizados em suas temáticas e ideologias. Percebe-se que na narrativa “Nós matamos o Cão Tinhoso”, de Honwana, fica evidente uma relação dialética entre o colonizado e o colonizador, pois é mostrada nas entrelinhas, mesmo quando apresentada através das formas consideradas mais sutis. Estes aspectos concentram-se nas personagens e nas situações por elas causadas, na incompreensão do outro e da falta de respeito com o próximo, e do frequente exercício de injustiça com os mais pobres.

Identificar a reação dos meninos do conto de Honwana, pelo menos antes da execução do Cão Tinhoso, obtém o mesmo sentimento de piedade daqueles que estão na turma de oitava classe no conto de Ondjaki. O machismo e a opressão, que levam os meninos a segurarem o choro ou não revelarem as suas emoções, são impedimentos para uma sociedade opressora e colonizadora que não aceita a

fraqueza dos outros É dessa forma, que o garoto prefere olhar para as nuvens como um sinal de desligamento do texto, uma representação da realidade tenebrosa.

Os dois contos unem a representação subjetiva do menino/masculino como resultante de uma sociedade opressora e colonizada. Nesse caso, o silenciar do choro pode ser uma espécie de condição de uma anticolonização, em que há uma consciência pela piedade do doutro. A experiência de desintegração, de isolamento e de manipulação, em que sobreviver continua a exigir a destruição do próximo é um aspecto mais observado no primeiro conto. Apesar de nos dois contos aparecerem uma certa comoção em relação à morte do Cão Tinhoso, no texto de Ondjaki esse sentimento é compartilhado pela turma com muito mais empenho, pois no conto de Honwana isso ocorre em apenas alguns momentos, e com menos personagens.



### 3 CONCLUSÃO

“Nós matamos o Cão Tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, traz um retrato da situação colonial vivida em Moçambique, protagonizados por personagens que estão à margem da sociedade, humilhados e oprimidos diante das arbitrariedades do sistema colonial. No contexto colonial, a narrativa destaca como o silêncio das vítimas diante das humilhações e dos abusos sofridos pelos opressores representava uma espécie de estratégia para sobreviver as agruras da vida. A tirania do colonizador não deixava possibilidades para a contestação ou as revoltas pessoais.

Na repercussão do terrível cotidiano dos colonizados, principalmente os que trabalhavam exaustivamente nas lavouras para o enriquecimento dos patrões, ou nas representações das crianças, que formam um grupo dominado e estrategicamente subordinado ao opressor, articulam-se aspectos visíveis do colonialismo nos quais as próprias personagens adquirem significados, sejam elas simbolizadas por animais, como cachorros (Cão Tinhoso), ou na prática do opressor ligadas às profissões como a do administrador, do capataz, da professora, do veterinário, do enfermeiro e do chefe dos correios. Outros aspectos coloniais podem ser vistos nas línguas dos colonizados como movimento de resistência, entre elas, o changana, o ronga e o swazi, línguas nacionais que são referidas como índices do cotidiano vivido pelos colonizados.

“Nós choramos pelo Cão Tinhoso” exemplifica várias multiplicidades em relação ao espaço narrativo, pois se configura como um texto dialógico e intertextual, uma vez que dialoga com “Nós matamos o Cão Tinhoso”, construindo uma narrativa a partir das emoções de uma turma de oitava classe despertada pela leitura do conto de Honwana, e sobre o envolvimento dessa ação na constituição de subjetividades dos sujeitos leitores. Ou seja, Ondjaki carrega uma abordagem mais intimista, pois desperta o sentimento das personagens como se fossem atores de um ato indesejável, que tem relação direta com o destino do Cão Tinhoso abordado em Honwana.

Nas duas ficções pode ser observado o comportamento das crianças em relação ao Cão Tinhoso. No primeiro, as crianças matam o Cão Tinhoso, ou seja, o período é diferente, época de pouco sentimento, a revolta contra o outro ou contra

ao que o colonizado representa está contido em todas as partes dessas narrativas. Por outro lado, enquanto as crianças podem chorar pelo Cão Tinhoso, o contexto é outro, bem diferente do localizado em "Nós matamos o Cão Tinhoso". O efeito que a leitura de Ondjaki provoca nas crianças é avassalador, pois ninguém consegue ficar indiferente quanto ao destino de um Cão, por ter a sua morte executada de forma cruel e violenta. O fato das crianças se gabarem pela morte do Cão também revela a insensibilidade e o descaso pela vida, mesmo que seja de um animal. Entretanto, o conto no qual as crianças choram por causa do destino lamentável do Cão mostra a literatura como processo de representação de um espaço narrativo em que ocorre uma série de trocas do que poderia ser o real, uma vez que retrata um espaço de subjetividades no qual as crianças se expõem, mesmo com vergonha de revelar as suas reais emoções a partir do que o texto literário desperta nelas.

Em 2007, o escritor angolano Ondjaki publicou o livro de contos *Os da minha rua*. Nele, um dos contos faz referência explícita ao texto de Honwana: "Nós choramos pelo cão tinhoso", título do conto de Ondjaki, em que narra a experiência de leitura do texto do autor moçambicano por um grupo de alunos da oitava série, numa aula de português, em uma escola de Luanda. O contato com a história da morte do cachorro Cão Tinhoso, por um grupo de crianças moçambicanas que, de certo modo, haviam absorvido toda a brutalidade e violência do sistema colonial, deixa o grupo de estudantes angolanos perplexo e emocionado, atestando simultaneamente o poder humanizador da literatura e um diálogo solidário entre as gentes e as literaturas de Moçambique e Angola (SECCO, 2008).

A obra *Nós matamos o Cão Tinhoso* publicada no Brasil em 2018 pela Editora Kapulana é um exemplo de que o campo literário moçambicano pode tornar-se cada vez mais acessível nas escolas brasileiras, e nesse sentido busca ampliar o repertório dos leitores. Os contos lidos favorecem o cumprimento da lei 11.645/08, responsável pela legitimação do estudo da história, das culturas e das literaturas africanas e indígenas em nosso país. As questões presentes nos dois contos são marcantes no que diz respeito à proposta empreitada nesse artigo de apresentar a opressão e a exploração portuguesa, características do colonialismo, no conto de Honwana, no entanto se faz necessário reinventar formas de luta, e batalhar por igualdades a partir do conto anticolonial de Ondjaki, sendo a literatura um modo de experiência, pela garantia dos direitos humanos. (MARTIN, 2017).

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, 2004. Disponível em < <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>> Acesso em: 10/05/2018.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. História Literária e o Ensino das Literaturas de Língua Portuguesa. In: **De voos e ilhas: Literaturas e comunitarismos.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação.** São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** Remate de Males – Antonio Candido. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81- 89, 1999.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiências colonial e territórios literários.** Cotia: Ateliê, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Luís Bernardo Honwana: da afasia ao discurso insano em “Nós matamos o Cão Tinhoso”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África e Brasil: letras em laços.** São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **África na sala de aula: Visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2005.
- HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão Tinhoso.** São Paulo: Ática, 1980.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** Lisboa: Universidade aberta, 1995.
- LARANJEIRA, Pires. Universos das literaturas africanas: epistemologias variadas, rizomas com raiz, glocalizações e levantados do chão. In: GARCIA, Flávio; MATA,

Inocência (Orgs.). **Pós-colonial e pós-colonialismo**: propriedades e apropriações de sentido. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016.

LEITE, Ana Mafalda. Pós-colonialismo: um caminho crítico e teórico. In: **Oralidades & escritas pós-coloniais**: Estudos sobre Literaturas Africanas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MATA, Inocência. O texto colonial: uma questão estético-ideológica. In: **Literatura angolana**: Silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. A violência do colonialismo pelo olhar de Luís Bernardo Honwana. Prefácio In: HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão Tinhoso**. São Paulo: Kapulana, 2017 (Série Vozes da África)

MEMMI, Albert. **Retrato do descolonizado**: árabe-muçulmano e de alguns outros. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado** precedido do retrato do colonizador. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b.

NOA, Francisco. **Império, mito e miopia**: Moçambique como invenção literária. São Paulo: Kapulana, 2015.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-Colonialismo, Identidade e mestiçagem Cultural**: A literatura de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.